

RÚSSIA VS. UCRÂNIA, PARTE 3: UMA GUERRA NO MAR QUE MUDOU A HISTÓRIA?

Por Robert Farley*



Míssil antinavio Neptune (Creative Commons).

A Guerra do Mar Negro de 2022 provavelmente não produzirá tantas lições quanto a Guerra das Malvinas de 1982, mas influenciará decisões navais em todo o mundo.

Reaprender a lutar durante uma guerra é um pouco como reconstruir um avião em pleno voo. No entanto, esta série de três partes tentou extrair algumas lições da condução da Guerra entre a Rússia e a Ucrânia até este ponto. Nesta terceira parte, abordaremos a guerra no mar.

GUERRA DA UCRÂNIA: TECNOLOGIAS DE NEGAÇÃO DO MAR PODEM ESTAR SUPERANDO O CONTROLE DO MAR

A Frota Russa do Mar Negro começou a guerra com uma vantagem esmagadora, principalmente porque a marinha da Ucrânia quase deixou de existir na guerra de 2014. Nos estágios iniciais da invasão deste ano, navios de guerra russos operaram na costa ucraniana, bloqueando as forças ucranianas em antecipação a um ataque anfíbio contra Odessa e outros pontos a oeste. Eles tomaram a famosa Ilha das Cobras, assumindo uma posição de comando sobre o tráfego fluvial ucraniano (e da OTAN).

Com o tempo, no entanto, a Ucrânia construiu um sistema confiável de negação do mar. Suas defesas são baseadas em mísseis antinavio de fabricação nacional e estrangeira; veículos aéreos não tripulados; embarcações de superfície não

tripuladas; e exploração cuidadosa de inteligência aérea e de satélite. Essas defesas tornaram impossível para a Rússia operar navios de superfície de forma decisiva e ameaçaram a segurança das instalações portuárias russas.

NAVIOS DE SUPERFÍCIE SÃO VULNERÁVEIS, MAS AINDA SÃO IMPORTANTES

Talvez o momento mais persistente da Guerra Rússia-Ucrânia até agora tenha sido o naufrágio do RFS *Moskva*, nau capitânia da Frota Russa do Mar Negro. Embora o cruzador tenha tido um impacto apenas limitado na guerra, seu naufrágio provou que o Mar Negro não era seguro para vasos de superfície russos. No entanto, como a Ucrânia não tem uma frota de superfície digna de nota e como a Rússia ainda tem vantagens aéreas, de superfície e submersas, não está claro como a Ucrânia pode explorar essa contingência. O que vimos é que a capacidade da frota russa de operar navios de superfície perto da Ucrânia era uma enorme vantagem militar.

A Rússia não conseguiu manter a Ilha das Cobras porque seus navios de guerra de superfície não podem mais operar com segurança no oeste do Mar Negro. O acordo de grãos intermediado pela Turquia também deve seu sucesso a essa realidade. Um navio de guerra de superfície tem muitas opções ao encontrar uma embarcação civil, desde o aviso até abordagem e ataque. Submarinos e aeronaves têm menos. A Rússia quase certamente não quer os problemas associados ao uso de mísseis e torpedos para destruir navios civis transportando grãos.

CONTROLE MARÍTIMO É IMPORTANTE

Parece surpreendente que uma guerra entre dois países que compartilham uma fronteira de quase 2.300 km dependesse do controle do mar, mas aqui estamos. Ao longo da guerra, a Rússia aproveitou sua vantagem marítima para segurar as forças ucranianas e infligir danos à economia ucraniana. Nos primeiros meses do conflito, os navios de guerra russos estrangularam o comércio ucraniano, atingiram alvos ucranianos com munições de precisão de longo alcance e ameaçaram virar o flanco da Ucrânia com um ataque anfíbio contra Odessa.

Embora nenhuma dessas operações tenha se mostrado decisiva, elas sugaram recursos e atenção da Ucrânia. As marinhas, em suma, têm ferramentas para fazer contribuições importantes.

VEÍCULOS NÃO TRIPULADOS MOSTRARAM SUA IMPORTÂNCIA NA UCRÂNIA

Este pode ser o primeiro conflito a apresentar uso operacional extensivo de embarcações de superfície não tripuladas. A Ucrânia parece ter conduzido vários ataques contra navios de guerra russos em instalações portuárias. Embora o grau de dano infligido permaneça incerto, a ameaça de ataques mudará a política das bases russas. Outras potências navais certamente estão observando e tomando notas.

Ainda não vimos relatos confiáveis de que qualquer dos lados tenha usado veículos submarinos não tripulados. Ainda assim, há todos os motivos para acreditar que as marinhas aprenderão a superar as dificuldades de operar tais

embarcações. Tal como acontece com os domínios terrestre e aéreo, não há dúvida de que os veículos não tripulados se tornarão parte da guerra no mar.

UMA GUERRA COMO NENHUMA OUTRA

As guerras navais são raras, o que significa que uma análise imensa é dedicada a poucos elementos. A Guerra do Mar Negro de 2022 provavelmente não produzirá tantas ou tão úteis lições quanto a Guerra das Malvinas de 1982, mas oferecerá pistas sobre como combatentes tecnologicamente avançados lutam hoje no mar.

Já aprendemos sobre como defesas baseadas em terra, tecnologia de vigilância avançada e veículos não tripulados podem se combinar para contestar o controle do mar em ambientes de tiro livre.

Nos próximos anos, provavelmente aprenderemos muito sobre as dificuldades de reconstituir forças navais após perdas significativas. Esta guerra moldará o futuro marítimo da Rússia e da Ucrânia e influenciará as decisões de projetos navais em todo o mundo.

Publicado no [1945](#).

**Robert Farley* leciona cursos de segurança e diplomacia na Patterson School desde 2005. Ele é bacharel pela Universidade do Oregon e doutor pela Universidade de Washington. É autor de *Grounded: The Case for Abolishing the United States Air Force*, *The Battleship Book*, e *Patents for Power: Intellectual Property Law and the Diffusion of Military Technology*. Farley contribuiu para uma série de jornais e revistas, incluindo *The National Interest*, *The Diplomat*, *World Politics Review* e *American Prospect*. É fundador e editor sênior da *Lawyers, Guns and Money*.
